

ed 30.273

VENDA DE FRUTA NA MANHIÇA

Sustento das mulheres e suas famílias

ABIBO ALY

TODOS os dias, mulheres de várias idades e vivências deslocam-se de diferentes pontos do distrito e da província à procura de fruta, que depois revendem no mercado informal, a escassos metros da ponte ferroviária da linha do Limpopo, no distrito da Manhica, província de Maputo.

FOTOS DE J. MUIANGA



Aguardando clientes que geralmente vêm de autocarros de passageiros

As frutas, geralmente mangas, bananas, ananás, entre outras, podem ser encontradas naquele ponto, onde cada camião, autocarro de passageiros,

assim como carros de turistas, que ali param, são rodeados por aquelas mulheres.

Uma boa conversa e sorriso não faltam para elas convencerem os clientes a comprar os produtos.

Estão geralmente bem-dispostas, mas não falta também uma atritadela, para quem não quer saber do produto preferindo comprar noutra vendedeira.

Desta forma, muitas mulheres

conseguem colocar o pão na mesa das suas famílias, assegurar a educação dos seus filhos, construir as suas casas e realizar outros sonhos com o dinheiro resultante da venda.

Naquele ponto, a nossa equipa de reportagem ouviu histórias de muitas mulheres, entre as quais se destaca os testemunhos de Celsa Lucas, Artimiza Mongalhela, Judite Mbeve e Marta Chirinda.

Fundadora do mercado e reformada da actividade



Celsa Lucas, à direita

Os ganhos são satisfatórios

A VENDA de fruta naquele local é uma actividade que tem arrastado vendedeiras de Maputo, Manhica e Marracuene. Uma delas é Celsa Lucas, de 30 anos de idade, que já há sete anos vende vários tipos de frutas, colocados em pequenos plásticos naquela zona. Afirma que os resultados da venda são satisfatórios, porque com o que ganha naquele ponto conseguiu comprar um terreno e paga os estudos dos seus filhos.

"Compramos as frutas para revenda aqui

mesmo no distrito da Manhica, mas quando não encontramos, às vezes, vamos até ao distrito de Boane. Outras vezes, como temos feiras comerciais aqui mesmo, aproveitamos comprar os produtos localmente.

O negócio tem lucro", afirmou.

Celsa acrescenta ainda que com os lucros deste negócio está neste momento a continuar com a construção da sua casa, para além de proporcionar alimentos à sua família.

A actividade permitiu realização de muitos sonhos

A HISTÓRIA de vida de Celsa iguala-se à de Judite Mbeve, também de 30 anos de idade, natural do distrito da Manhica, que sustenta que compra material escolar e alimenta a sua família com os rendimentos do seu negócio.

Segundo Judite, esta actividade permitiu a realização do seu maior sonho da vida, que era a construção da sua própria casa, sonho já realizado, com o resultado da prática de venda de



As frutas, geralmente mangas, bananas, ananás, entre outras, podem ser encontradas naquele ponto, onde cada camião, autocarro de passageiros,

assim como carros turísticos, que ali param, são rodeados por aquelas mulheres.

Uma boa conversa e sorriso não faltam para elas convencerem os clientes a comprar os produtos.

Estão geralmente bem-dispostas, mas não falta também uma atrideira, para quem não quer saber do produto preferindo comprar noutra vendeira.

Desta forma, muitas mulheres

conseguem colocar o pão na mesa das suas famílias, assegurar a educação dos seus filhos, construir as suas casas e realizar outros sonhos com o dinheiro resultante da venda.

Naquele ponto, a nossa equipa de reportagem ouviu histórias de muitas mulheres, entre as quais se destaca os testemunhos de Celsa Lucas, Artimiza Mongalhela, Judite Mbeve e Marta Chirinda.

A HISTÓRIA de vida de Celsa iguala-se à de Judite Mbeve, também de 30 anos de idade, natural do distrito da Manhica, que sustenta que compra material escolar e alimenta a sua família com os rendimentos do seu negócio.

Segundo Judite, esta actividade permitiu a realização do seu maior sonho da vida, que era a construção da sua própria casa, sonho já realizado, com o resultado da prática de venda de frutas naquele ponto da província de Maputo.

"Desde o ano de 2006 estou a vender neste mercado informal. Conseguimos um pouco para alimentar as nossas crianças e família. Já construí a minha casa, que era meu grande sonho. Compro material escolar para meus filhos com esta actividade", disse.

De acordo com Judite, o negócio de frutas naquele mercado informal vai muito bem e revelou que por dia, geralmente, conseguem fazer pouco mais de 1000 meticais.



Judite Mbeve

Um filho professor com o dinheiro de venda de frutas



Artimiza Mongalhela

UMA outra história é da senhora Artimiza Mongalhela, de 32 anos de idade, natural do distrito da Manhica, que se encontra a vender naquele ponto desde 2005. Garante que os resultados de venda de frutas permitem-lhe custear os estudos dos seus filhos, para além de realizar outras actividades importantes da sua vida.

"Com o negócio consegui construir a minha casa, fazer estudar os meus filhos e realizar tudo o que é necessário na minha casa e família. Em dias de movimento, consigo fazer dois mil meticais, mas quando não há movimento, faço 500 meticais", afirmou.

A interlocutora disse ainda que adquire a fruta na feira dis-

trital e, às vezes, fora do distrito. Como resultado deste sacrifício diário, no vai-vem de adquirir e vender, a dona Marta Chirinda conseguiu custear os estudos do filho até se tornar professor. Por isso, ela valoriza muito o trabalho que faz, porque, segundo ela, permite garantir o futuro da sua família.

Fundadora do mercado e reformada da actividade



Marta Chirinda, fundadora do mercado

DONA Marta é respeitada e admirada pelas mais de 100 mulheres que ali praticam actividade, por ser ela a fundadora do mercado, em 2003.

Segundo Marta Chirinda, o mercado surgiu nos meados de 2003, quando as mulheres do distrito da Manhica vendiam perto da vila distrital, onde dificultavam a circulação de viaturas.

Custou sair dali, porque pensavam que estavam ser mandadas embora da vila. Tinham de sair para um outro ponto previamente definido.

"Hoje conseguimos ver que valeu a pena, porque os ganhos destas mulheres são grandes. Embora tenham bancas no mercado formal local, preferiram fixar-se aqui ao longo da estrada", contou Marta Chirinda.

De acordo com ela, as senhoras que exercem as suas actividades ali têm garantido o seu sustento e das suas famílias.

"Eu já vendi e fiz estudar meu filho que hoje é professor, como resultado da actividade de venda de fruta. Isso repre-



Mulheres durante a actividade